

Atitudes e crenças dos estudantes portugueses sobre a homossexualidade: implicações para a cidadania e pedagogia universitárias

Attitudes and beliefs of Portuguese students about homosexuality: implications for citizenship and university pedagogy

Editora

Maria Inês Côrte Vitoria
PUCRS, RS, Brasil

Editora Colaboradora

Pricila Kohls dos Santos
PUCRS, RS, Brasil

Equipe Editorial

Carla Spagnolo
PUCRS, Brasil
Rosa Maria Rigo
PUCRS, Brasil

Cristiana Pereira de Carvalho¹
Maria do Rosário Pinheiro²

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar as crenças e atitudes dos/as estudantes do ensino superior português sobre a homossexualidade. Participaram 108 estudantes da Licenciatura em Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, os quais responderam ao *Inventário de Crenças sobre a Homossexualidade* e à *Escala de Atitudes face à Homossexualidade – Versão para estudantes do ensino superior*. Os resultados obtidos permitiram identificar a existência de crenças disfuncionais sobre a homossexualidade, associando-a erradamente a problemas de identidade e de expressão de gênero, a grupos de risco na transmissão do Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS), a uma escolha individual e a ser resultado da influência de uma família homossexual. Por outro lado, as estudantes apresentam mais atitudes de defesa pelos direitos dos homossexuais, os/as estudantes que se consideram religiosos/as têm atitudes de maior rejeição à proximidade de pessoas homossexuais, os/as estudantes que têm um amigo gay ou uma amiga lésbica ou que falam com os/as amigos/as sobre o tema da orientação sexual apresentam atitudes menos discriminatórias e os/as estudantes mais interessados em ver o tema da orientação sexual debatido na Universidade foram os/as que apresentaram atitudes

ISSN 2179-8435



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

¹ Doutora em Ciências da Educação, especialidade em Psicologia da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra – Portugal (FPCEUC). Licenciada e Mestre em Ciências da Educação (FPCEUC), com Pós-Graduação em Saúde Sexual pela Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa (ESSCVP – Lisboa) e em Mediação de Conflitos em Contexto Escolar pela JURISolve (Resolução Alternativa de Conflitos). Membro integrado no Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental/Center for Research in Neuropsychology and Cognitive and Behavioral Intervention (CINEICC - FPCEUC).

² Psicóloga, Doutora em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

mais positivas e menos discriminatórias face à homossexualidade. Verificou-se ainda que as crenças funcionais sobre a homossexualidade estão associadas às atitudes positivas face à homossexualidade. Considerando estes resultados, apresentam-se algumas implicações para os currículos na área da cidadania e para as práticas pedagógicas de atenção à diversidade em contexto universitário.

Palavras-chave: Atitudes; Crenças; Homofobia; Cidadania; Universidade.

ABSTRAT

The aim of this study was to analyse the beliefs and attitudes of the Portuguese students in higher education about homosexuality. One hundred and eight students of the Bachelor in Educational Sciences of the University of Coimbra answered the *Inventory of beliefs about homosexuality* and the *Scale of attitudes towards homosexuality – Version adapted to students in higher education*. The obtained results permitted the identification of dysfunctional beliefs about homosexuality, erroneously relating it to identity and gender expression problems, to risk groups in Human Immunodeficiency Virus/Acquired Immunodeficiency Syndrome (HIV/AIDS) transmission, to an individual's choice, and to be the result of a homosexual family influence. Simultaneously, the female students reported more defensive attitudes towards homosexuality, the students that considered themselves as more religious had stronger rejection attitudes towards homosexuality proximity, the students who had one gay friend (male or female) or were used to talk with their friends about the sexual orientation theme presented less discriminatory attitudes, and for last, the students who were more interested in seeing the theme of sexual orientation debated in the University were the ones who presented the more positive attitudes and the less discriminatory ones towards homosexuality. It was also verified that functional beliefs about homosexuality were associated to positive attitudes towards homosexuality. Considering these results, some implications for curriculums in the citizenship area and for the pedagogical practices of attention to diversity in the University context were presented.

Keywords: Attitudes; Beliefs; Homophobia; Citizenship; University.

Introdução

A partir da década de 70 o número de jovens a ingressar no ensino superior aumentou e, conseqüentemente, a diversidade e a heterogeneidade passaram a fazer parte da realidade das universidades portuguesas (MORAIS, 2016). Apesar dos grandes ganhos sociais em termos de direitos sexuais, particularmente importantes para a população Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual e Transgênero (LGBT) (CARVALHO et al., 2017), o preconceito e a discriminação baseada na orientação sexual persistem tanto nos espaços sociais (COMISSÃO EUROPEIA, 2009; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010; REDE EX AEQUO, 2014), como nos ambientes acadêmicos (GATO et al., 2015).

A transição para o ensino superior é considerada uma etapa de elevada exigência, em termos de desenvolvimento pessoal, social e acadêmico (PINHEIRO, 2003). Para os/as estudantes LGBT a adaptação ao novo meio é acompanhada de um importante processo de desenvolvimento da identidade, principalmente para os que realizam o *coming out* neste período (MORAIS, 2016). Relativamente a este acontecimento, alguns estudos afirmam que a aceitação ou rejeição percebida pelos/as estudantes LGBT em relação a estes ambientes educativos são determinantes para a visibilidade da orientação sexual e para o seu bem-estar (EVANS; BROIDO, 1999; LASSER; THARINGER, 2003; HEREK, 2009), atribuindo, assim, ao contexto universitário um importante papel no apoio aos processos de gestão da visibilidade da identidade sexual destes/as jovens (CARNEIRO, 2009). Sobre esse aspecto, importa referir que os locais dentro da universidade em que esta visibilidade é mais expressiva, como as festas académicas, a casa ou as residências universitárias, os próprios espaços públicos da universidade como o bar e a cantina, são particularmente importantes para as expressões e identidades LGBT (MORAIS, 2016). Embora as praxes académicas sejam referidas como espaços de menor visibilidade (MORAIS, 2016), tendem a ser evitadas por estes/as estudantes, pelo predomínio do heterossexismo e pelo receio de desconforto, constrangimento e humilhação (NOGUEIRA et al., 2010). Contudo, a praxe pode contribuir positivamente para um melhor ajustamento à transição e ser parte integrante do suporte social oferecido aos/as novos/as alunos/as (VIEIRA, 2013), merecendo, por isso, ser (re)pensada em favor da diversidade. Dentro dessa perspectiva, o contexto universitário pode ser gerador de oportunidades para que os/as estudantes LGBT possam conhecer outros estudantes – LGBT ou não – “com quem possam partilhar as suas experiências” (MORAIS, 2016, p.29) e obter suporte por parte dos seus pares.

No entanto, as investigações nesta área têm reportado a existência de manifestações de preconceito em estudantes universitários (GATO et al., 2015), cujas expressões são cada vez mais sutis e simbólicas contra pessoas não heterossexuais (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010; MORAIS, 2016) e com uma expressão de gênero que não se enquadre nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade impostos socialmente (FLEURY; TORRES, 2007), originadas maioritariamente pela falta de informação e por crenças erradas (MORAIS, 2016).

Como seria de esperar, os ambientes percecionados pelos/as jovens LGBT como mais hostis e homofóbicos¹ aumentam a tendência para o isolamento e abandono escolar (EVANS; BROIDO, 1999; LASSER;

¹ A expressão homofobia tem sido amplamente criticada por diversos autores (HEREK, 1999; MORRISON; MORRISON, 2002), especificamente pela ausência de um caráter fóbico (HEREK, 1994) e de um medo incontrolável (CARNEIRO, 2009), uma vez que as reações contra as pessoas homossexuais caracterizam-se pela hostilidade, pelas atitudes negativas relativamente às pessoas não heterossexuais e pelo sistema de crenças de gênero (COSTA, 2012) que dificulta a aceitação da diversidade sexual (CARNEIRO, 2009). Apesar desta importante distinção, optamos por utilizar tanto o termo homofobia por aparecer sistematicamente na literatura da área, como o termo de preconceito sexual quando nos referirmos à discriminação baseada na orientação sexual (GATO; FONTAINE; LEME, 2014).

THARINGER, 2003; HEREK, 2009) e restringem liberdades individuais fundamentais. Estudos no âmbito dos comportamentos homofóbicos sugerem que as motivações que desencadeiam o preconceito estão associadas ao sexismo e a visões tradicionais e estereotipadas das expressões de gênero (COSTA, 2012; CARVALHO et al., 2017), o que justifica a necessidade de articular a categoria *gênero* ao conjunto de fatores que possibilitam, dificultam ou impedem a efetivação das estratégias de enfrentamento à violência contra pessoas LGBT.

As Universidades, enquanto instituições educativas comprometidas com a transformação social e responsáveis pela construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática (VERDUM, 2013) devem oferecer “um clima de segurança, apoio e afirmação aos jovens LGBT, de modo a combater a estigmatização e a marginalização da homossexualidade e das diferentes identidades de gênero” (AGÊNCIA DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DA UNIÃO EUROPEIA, 2009, p.23). A sua atuação deve ser pautada por políticas concretas de combate à intimidação e discriminação, que estabeleçam de forma clara que o assédio, as ofensas, as piadas e os boatos não serão tolerados. Por outro lado, assegurar o acesso à informação e conhecimento científico para todos/as os/as estudantes universitários constitui uma condição necessária para o entendimento da realidade vivenciada pela população LGBT e para a sustentação de ações políticas e sociais transformadoras (NOGUEIRA et al., 2010). Considerando a responsabilidade da universidade pela formação científica, pessoal e ética dos/as estudantes (particularmente no que diz respeito à convivência com o outro), a inclusão da temática no currículo é, até hoje, defendida por pesquisadores/as (NOGUEIRA et al., 2010; GATO et al., 2015; CARVALHO et al., 2017). Na mesma linha de pensamento, as universidades são consideradas um contexto propício para agir sobre a desinformação face a pessoas lésbicas e a gays (GATO et al., 2015) e alcançar os/as estudantes que apresentam adesão² a crenças disfuncionais, preconceituosas e discriminatórias, responsáveis por perpetuar julgamentos e ações contra as pessoas que não correspondem aos estereótipos de homem/mulher (COSTA et al., 2010; CARVALHO et al., 2017).

Os estudantes do ensino superior, enquanto futuros profissionais e agentes educativos, têm sido alvo de diversas pesquisas relativamente às atitudes para com a homossexualidade (GATO; FONTAINE; LEME, 2014; CARDEIRA; MÓNICO; CASTRO, 2014; GATO; FONTAINE; CARNEIRO, 2012; GATO; FONTAINE, 2011; CERQUEIRA-SANTOS et al., 2007; LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002). Este interesse resulta da necessidade de preparar e capacitar os profissionais da educação a responderem positivamente aos diversos desafios que enfrentam ao lidar

² A este respeito diversos estudos apontam a existência de variáveis que aparecem sistematicamente associadas ao preconceito sexual e à homofobia, como por exemplo: ser do sexo masculino (GATO; FONTAINE, 2011; COSTA et al., 2010), ter atitudes mais conservadoras face aos papéis de gênero (GATO; FONTAINE, 2011), ser mais religioso/a e possuir uma moral mais conservadora (HEREK, 1991; 1994), ter pouco ou nenhum contato pessoal e proximidade com pessoas homossexuais (GATO; FONTAINE, 2011; COSTA et al., 2010; HEREK, 1991) e possuir poucos conhecimentos sobre a homossexualidade (ALDERSON; ORZECK; MCEWEN, 2009).

com a diversidade (UNESCO, 2016), como uma das estratégias de enfrentamento à discriminação, ao preconceito sexual e à violência baseada no gênero em contexto escolar (TAYLOR; PETER; PAQUIN, 2011; ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015; CARVALHO et al., 2017).

Nesse sentido, este estudo teve por objetivo analisar as crenças e atitudes dos/as estudantes do ensino superior português sobre a homossexualidade e estabelecer implicações para os currículos na área da cidadania e para as práticas pedagógicas de atenção à diversidade em contexto universitário.

Metodologia

Participantes

Participaram deste estudo 108 estudantes do ensino superior, dos quais 15% ($n=16$) são rapazes e 85% ($n=91$) são moças, com uma média de idades de 21 anos ($M=21.30$, $DP=2.62$; mínimo de 19 e máximo de 35 anos). A maioria dos/as estudantes são portugueses/as (91.6%, $n=98$), consideram-se religiosos/as (71.7%, $n=76$) (predominando a Religião Católica) e cursavam o 2º e o 3º ano da Licenciatura em Ciências da Educação (97.2%, $n=105$). Dos/as estudantes participantes, a maioria considera-se heterossexual (98.1%, $n=105$) e tem um/a amigo/a homossexual (gay ou lésbica) (63.6%, $n=68$).

Instrumentos

Inventário de Crenças sobre a Homossexualidade – Elaborado em 2013 por Carvalho, Simões e Pinheiro, é um instrumento de autorresposta, composto por 39 itens, que mede a existência de crenças funcionais (i.e., “*Os homossexuais podem ser pais*”, “*Os homossexuais devem ter os mesmos direitos que os heterossexuais*”) versus disfuncionais sobre a homossexualidade (i.e., “*A homossexualidade é um desvio ao que é normal e natural*”, “*A homossexualidade resulta da ausência da figura parental do mesmo sexo*”). A escala de resposta dicotômica de verdadeiro/falso permite a cotação de um (1) para respostas que se aproximam das crenças funcionais e zero (0) para respostas associadas às crenças disfuncionais. Um (1) significa que a resposta é dada no sentido das crenças funcionais sobre a homossexualidade. Itens não respondidos são cotados como zero (0). Todos os itens devem ser invertidos, à exceção dos itens 5, 7, 10, 14, 18, 26 e 38, e o resultado consiste no somatório das respostas. As pontuações mais elevadas refletem crenças funcionais sobre a homossexualidade e os resultados variam entre 0 e 39.

Escala de Atitudes face à Homossexualidade – Versão para estudantes do Ensino Superior (CARVALHO et al., 2017) – É um instrumento de autorresposta, composta por 24 itens, que permite identificar as atitudes face à

homossexualidade por parte dos/as estudantes do ensino superior. É composta por três fatores designados por: *Atitudes não discriminatórias face à homossexualidade* (F1) (i.e., *Iria beber café ou sair à noite com um/a amigo/a gay ou lésbica*); *Atitudes de defesa dos direitos dos homossexuais* (F2) (i.e., *Participaria numa manifestação sobre os direitos das pessoas gays e lésbicas*); *Atitudes de rejeição à proximidade de pessoas homossexuais* (F3) (i.e., *Não me sentaria na aula próximo de uma pessoa gay ou lésbica*). Os itens deverão ser respondidos de acordo com uma escala de resposta de *Likert* de cinco pontos (1 - Discordo totalmente a 5 - Concordo totalmente). Dos 24 itens, apenas o item 8 deve ser invertido. Pontuações mais elevadas nas dimensões *Atitudes não discriminatórias face à homossexualidade* (F1) e *Atitudes de defesa dos direitos dos homossexuais* (F2) indicam atitudes positivas e pontuações mais elevadas na dimensão *Atitudes de rejeição à proximidade de pessoas homossexuais* (F3) indicam atitudes negativas em relação às pessoas homossexuais.

Procedimentos

A amostra foi recolhida entre setembro e outubro de 2013 na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (Portugal), nas turmas do curso de Ciências da Educação. Todos/as os/as participantes foram esclarecidos/as sobre a natureza e o propósito do estudo e foi assegurada a confidencialidade e o anonimato das respostas. Os/as estudantes deram o seu consentimento livre e esclarecido e participaram voluntariamente no preenchimento do protocolo de investigação na sala de aula, na presença de uma das pesquisadoras. O tempo de preenchimento foi aproximadamente de 15 minutos.

Análise de dados

Para a análise dos dados foram utilizadas estatísticas descritivas e inferenciais, por meio do programa SPSS versão 20 (SPSS Inc, Chicago, IL). Foram verificados os pressupostos para o cálculo de estatística inferencial paramétrica, nomeadamente a distribuição das variáveis e a homocedasticidade. Não existiram pontuações outliers na amostra em estudo (HAIR; ANDERSON; TATHAM, 1995). Considerando a dimensão da amostra aplicou-se o Teorema do Limite Central (ou teorema de Lindberg-Levy) que afirma que para amostras grandes a distribuição tende para a normalidade (MURTEIRA et al., 2001; DURRETT, 2010) e, por isso, optou-se por utilizar testes paramétricos (teste *t Student*). A homocedasticidade foi testada através do teste de Levene (HOWELL, 2013). Apesar de existir homogeneidade das variâncias, optamos pela prova robusta Brown-Forsythe, por existirem diferenças relevantes no tamanho dos grupos a comparar (TABACHNICK; FIDELL, 2007). Para as análises de correlação utilizou-se o coeficiente de correlação de *Pearson* (HOWELL, 2013) uma vez que as subescalas do instrumento apresentam distribuição normal.

Resultados

A análise dos resultados obtidos com o *Inventário de Crenças sobre a Homossexualidade* permitiu identificar entre os/as estudantes universitários/as que compõem a amostra deste estudo a existência quer de crenças funcionais quer de crenças limitantes acerca da homossexualidade. Estas últimas são alvo de maior análise neste artigo, em virtude da elevada concordância dos/as estudantes em relação a afirmações cujo conteúdo é errôneo e preconceituoso (**Tabela 1**).

Nesse sentido, entre os resultados obtidos verificou-se que um número elevado de estudantes associa erradamente a orientação sexual não-heteronormativa a problemas relacionados com a identidade e expressão de gênero, uma vez que 45.4% ($n=49$) dos/as participantes acredita que *os homossexuais têm tiques que denunciam a sua orientação sexual* (item 17) e 41.7% ($n=45$) pensa que *a identidade de uma pessoa homossexual não corresponde ao seu sexo biológico* (item 12). Por outro lado, mais de 50% da amostra (52.8%; $n=57$) considera que *em casais homossexuais, uns assumem o papel de homem e outros de mulher* (item 25) (**Tabela 1**), evidenciando a existência de uma lógica binária (homem/mulher) e heterossexual quando se trata de experiências amorosas e vivências de intimidade entre casais homossexuais. Estes resultados podem significar, do ponto de vista da literacia em saúde sexual, uma confusão entre os conceitos de sexo³, identidade de gênero⁴, orientação sexual⁵ e expressão de gênero⁶.

Um número bastante expressivo de participantes (63.9%; $n=69$) considera ser *possível mudar de orientação sexual (um/a homem/mulher homossexual pode mudar para heterossexual)* (item 2) e a maioria dos/as estudantes (50%, $n=54$) é de opinião de que a homossexualidade corresponde a uma escolha (item 9) e a uma opção individual (**Tabela 1**). Estes resultados colocam em evidência a crença disfuncional de que a homossexualidade

³ “Assume-se frequentemente que é o sexo cromossomático ou o sexo genital, que pressupõe capacidades reprodutivas. Existem vários fatores que contribuem para o sexo biológico: cromossomas (XY, XX, ou outras combinações), genitais (estruturas reprodutivas externas), gónadas (presença de testículos ou ovários), hormonas (testosterona, estrogénios), etc.” (Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual>>. Acesso em: 20 ago. 2018).

⁴ “Sentimento de ser do gênero feminino (mulher) ou do gênero masculino (homem) independentemente da anatomia. Uma pessoa transgênero é alguém que não corresponde às convenções sociais e categorias tradicionais de gênero associadas ao seu sexo biológico. Uma pessoa transexual é alguém que sente que a sua identidade de gênero é diferente do seu sexo biológico”. (Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual>>. Acesso em: 20 ago. 2018).

⁵ “Refere-se ao que cada pessoa pensa e sente sobre si própria e sobre a sua afetividade e sexualidade e por quem se sente atraído afetiva e sexualmente. Uma pessoa é considerada heterossexual se se sente sobretudo atraída por pessoas de gênero diferente, homossexual se se sente sobretudo atraída por pessoas do mesmo gênero e bissexual se se sente atraída por pessoas de ambos os gêneros” (Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual>>. Acesso em: 20 ago. 2018).

⁶ “Diz respeito aos comportamentos, forma de vestir, forma de apresentação, aspeto físico, gostos e atitudes” (Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual>>. Acesso em: 20 ago. 2018).

é uma escolha ou uma decisão e que, conseqüentemente, pode ser revertida. Uma vez mais estamos perante um desconhecimento do processo de construção da identidade sexual e da orientação sexual. No mesmo sentido, 42.6% ($n=46$) acredita que a orientação sexual surge na infância (item 4), revelando desconhecimento acerca do processo de construção da identidade sexual e sobre o emergir da orientação sexual entre a pré-adolescente e a entrada na adolescência (GARNETS; KIMMEL, 1993; HERDT; BOXER, 1993; KRYZAN, 2000). Uma porcentagem mais reduzida de estudantes mas ainda expressiva (30.6%; $n=33$) é de opinião favorável de que *viver numa família homossexual pode influenciar a orientação sexual das crianças/filhos* (item 30), sendo esta outra crença errônea largamente discutida na literatura (GOLOMBOCK; TASKER, 1996). Esta crença disfuncional, para além de não ter suporte científico, pode ter implicações bastante negativas se for mantida e se estender ao exercício de funções profissionais dos especialistas em educação.

Para 43.5% ($n=47$) dos/as participantes deste estudo, a homossexualidade ainda é vista como uma patologia e anormalidade (i.e, *A homossexualidade é um desvio ao que é normal e natural* – item 8). Também mais de metade dos participantes (58.3%; $n=63$) considera ainda que *os homossexuais são grupos de risco no que respeita à transmissão do VIH/SIDA*⁷ (item 20) e associa-os mais facilmente a pessoas cujos comportamentos sexuais são de maior risco, uma vez que 43.5% ($n=47$) considera que *os homossexuais usam menos o preservativo nas relações sexuais do que os heterossexuais* (item 36) (**Tabela 1**). De fato os mitos em relação à saúde e à doença, especificamente sobre a infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), têm sido alvo de sucessivas campanhas de Educação para a Saúde com o objetivo de desconstruir crenças disfuncionais como as que identificamos anteriormente. É o caso da crença disfuncional de que existem grupos de risco para aquela infecção, e conseqüentemente, grupos de pessoas que não possuem esse risco. As sucessivas campanhas têm veiculado a informação de que a vulnerabilidade à infecção resulta de comportamentos sexuais de risco e não do fato de uma pessoa ter determinadas características de saúde, trabalho, sexo, gênero ou orientação sexual. Ainda refletindo sobre as conseqüências dessas crenças é possível que o bem-estar social das pessoas possa ser afetado pela estigmatização, assim como é possível essas crenças impedirem as pessoas de se responsabilizarem pela sua própria proteção e pela proteção do outro, no que deveria ser um verdadeiro exercício de cidadania, de valorização, respeito e promoção dos direitos e deveres humanos.

Relativamente à conscientização dos/as estudantes universitários para com as problemáticas e os desafios vivenciados pelas pessoas LGBT referentes ao estigma, à discriminação e à violência presente na maior parte

⁷ SIDA, termo utilizado em Portugal, significa Síndrome de ImunoDeficiência Adquirida. AIDS, termo utilizado no Brasil, é uma sigla originada do inglês, que significa Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Acquired Immunodeficiency Syndrome). SIDA e AIDS têm o mesmo significado.

dos relatos obtidos entre jovens gays e lésbicas (REDE EX AEQUO, 2014), verifica-se que mais de um terço da amostra (40.7%; $n=44$) desconsidera o fato de um homem homossexual, devido à sua orientação sexual, ter maior probabilidade de vir a ser vítima de violência quando comparado com um homem heterossexual (item 7). No que respeita aos direitos das pessoas LGBT, verifica-se uma porcentagem menor mas ainda significativa de estudantes (24.1%, $n=26$) de opinião desfavorável à parentalidade entre as pessoas não-heterossexuais, considerando que os homossexuais não podem ser pais (item 26) e, nesse sentido, não devem ter os mesmos direitos que os heterossexuais (16.7%; $n=18$) (item 38) (**Tabela 1**), reforçando a necessidade de intervenção a favor dos direitos humanos, nos quais se incluem os direitos sexuais e reprodutivos e os direitos sociais da população LGBT.

Tabela 1. Análise descritiva (% e n) das crenças funcionais e limitantes do *Inventário de Crenças sobre a Homossexualidade*

Itens	Crenças funcionais	Crenças limitantes
1. A homossexualidade corresponde a uma fase do desenvolvimento da criança.	88% (n=95)	12% (n=13)
2. É possível mudar de orientação sexual (um/a homem/mulher homossexual pode mudar para heterossexual).	36.1% (n=39)	63.9% (n=69)
3. A maioria dos homossexuais gostaria de ser do sexo oposto.	74.1% (n=80)	25.9% (n=28)
4. A orientação sexual surge na infância.	57.4% (n=62)	42.6% (n=46)
5. De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (APA) a homossexualidade não é uma doença.	92.6% (n=100)	7.4% (n=8)
6. A homossexualidade resulta da ausência da figura parental do mesmo sexo.	92.6% (n=100)	7.4% (n=8)
7. Um homem homossexual tem mais probabilidade de ser vítima de violência do que um homem heterossexual.	59.3% (n=64)	40.7% (n=44)
8. A homossexualidade é um desvio ao que é normal e natural.	56.5% (n=61)	43.5% (n=47)
9. A homossexualidade é uma escolha.	50% (n=54)	50% (n=54)
10. Os homossexuais não são perigosos para as crianças.	82.4% (n=89)	17.6% (n=19)
11. O comportamento sexual é exclusivamente homossexual ou heterossexual.	93.5% (n=101)	6.5% (n=7)
12. A identidade de uma pessoa homossexual não corresponde ao seu sexo biológico.	58.3% (n=63)	41.7% (n=45)
13. A homossexualidade é uma questão de moda.	93.5% (n=101)	6.5% (n=7)
14. Os homens têm mais atitudes negativas em relação à homossexualidade do que as mulheres.	72.2% (n=78)	27.8% (n=30)
15. Os jovens homossexuais são-no para serem rebeldes.	99.1% (n=107)	0.9% (n=1)

(continua)

Tabela 1 (continuação)

Itens	Crenças funcionais	Crenças limitantes
16. As pessoas homossexuais têm mais parceiros sexuais ao longo da vida do que as pessoas heterossexuais.	76.9% (n=83)	23.1% (n=25)
17. Os homossexuais têm tiques que denunciam a sua orientação sexual.	54.6% (n=59)	45.4% (n=49)
18. A bissexualidade corresponde à atração sexual por ambos os sexos, masculino e feminino.	99.1% (n=107)	0.9% (n=1)
19. A homossexualidade é provocada por uma anomalia nos cromossomas.	82.4% (n=89)	17.6% (n=19)
20. Os homossexuais são grupos de risco no que respeita à transmissão do VIH/SIDA.	41.7% (n=45)	58.3% (n=63)
21. Os homossexuais são mais agressivos do que os heterossexuais.	98.1% (n=106)	1.9% (n=2)
22. A homossexualidade é causada por um trauma de infância.	94.4% (n=102)	5.6% (n=6)
23. As mulheres que são lésbicas tiveram más experiências com homens.	86.1% (n=93)	13.9% (n=15)
24. Os(as) bissexuais são pessoas instáveis, indecisos(as) ou incapazes de ser fiéis.	76.9% (n=83)	23.1% (n=25)
25. Em casais homossexuais, uns assumem o papel de homem e outros de mulher.	47.2% (n=51)	52.8% (n=57)
26. Os homossexuais podem ser pais.	75.9% (n=82)	24.1% (n=26)
27. Os homossexuais têm um estilo de vida promíscuo.	88% (n=95)	12% (n=13)
28. Os homossexuais reconhecem-se fisicamente.	71.3% (n=77)	28.7% (n=31)
29. Quanto mais se fala em homossexualidade mais pessoas se “tornam” homossexuais.	90.7% (n=98)	9.3% (n=10)
30. Viver numa família homossexual pode influenciar a orientação sexual das crianças/ filhos.	69.4% (n=75)	30.6% (n=33)
31. Os homossexuais são mais sensíveis e delicados do que os heterossexuais.	53.7% (n=58)	46.3% (n=50)
32. As mulheres lésbicas são mais masculinas do que as mulheres heterossexuais.	68.5% (n=74)	31.5% (n=34)
33. Os homossexuais são mais obcecados pelo sexo em relação aos heterossexuais.	87% (n=94)	13% (n=14)
34. Os homossexuais não são religiosos.	88% (n=95)	12% (n=13)
35. Os filhos dos homossexuais tornam-se homossexuais.	98.1% (n=106)	1.9% (n=2)
36. Os homossexuais usam menos o preservativo nas relações sexuais do que os heterossexuais.	56.5% (n=61)	43.5% (n=47)
37. Os homossexuais abandonam facilmente as relações amorosas porque são pessoas instáveis.	86.1% (n=93)	13.9% (n=15)
38. Os homossexuais devem ter os mesmos direitos que os heterossexuais.	83.3% (n=90)	16.7% (n=18)
39. Os homossexuais não sofrem de violência doméstica.	99.1% (n=107)	0.9% (n=1)

Foi efetuado o somatório dos 39 itens do *Inventário de Crenças sobre a Homossexualidade* com o objetivo de obter um indicador de literacia sobre orientação sexual e, dessa forma, analisar possíveis diferenças em função de variáveis referentes ao gênero, à religião, a ter amigo/a gay ou lésbica, a conversar com os/as amigos/as sobre o tema e a ser favorável à existência de um espaço de debate na Universidade. A partir das análises efetuadas foi possível verificar a inexistência de diferenças significativas relativamente ao gênero [$t(105)=-1.222$; $p=.224$], a ter um/a amigo/a gay ou lésbica [$t(105)=-.171$; $p=.865$], a falar com os/as amigos/as sobre a temática [$t(105)=1.865$; $p=.065$] e a defender o debate do tema na Universidade [$t(105)=.520$; $p=.604$]. No entanto, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os/as estudantes que se consideram religiosos ($M=29.14$; $DP=4.38$, $n=76$) comparativamente aos que não se consideram religiosos ($M=31.27$, $DP=4.46$, $n=30$), apresentando estes últimos crenças mais funcionais acerca da homossexualidade [$t(104)=-2.236$; $p=.028$].

No que diz respeito às atitudes dos/as estudantes universitários em relação aos homossexuais verificou-se que as médias mais altas correspondem a atitudes não discriminatórias em relação a pessoas gays e lésbicas ($M=37.78$; $DP=5.40$) e as mais baixas a atitudes de rejeição à proximidade a pessoas homossexuais ($M=13.59$; $DP=3.31$) (**Tabela 2**), sugerindo que os/as estudantes das Ciências da Educação apresentam atitudes mais positivas, de maioria aceitação e de defesa pelos direitos das pessoas LGBT.

Tabela 2. Médias das pontuações obtidas nas dimensões da *Escala de Atitudes face à Homossexualidade – Versão para estudantes do Ensino Superior*

Dimensões	N = 108		
	Min.	Máx.	M (DP)
F1 – Atitudes não discriminatórias face à homossexualidade	27.00	45.00	37.78 (5.40)
F2 – Atitudes de defesa dos direitos dos homossexuais	8.00	40.00	29.02 (4.88)
F3 – Atitudes de rejeição à proximidade de pessoas homossexuais	7.00	26.00	13.59 (3.31)

Ainda no que se refere às atitudes, optamos também por analisar as dimensões do instrumento em função do gênero, da religião, de ter algum/a amigo/a gay ou lésbica, de falar com os/as amigos/as sobre o tema da orientação sexual e de defender um espaço de debate na Universidade sobre a temática. Relativamente ao gênero, os resultados mostram que as moças ($M=29.64$, $DP=4.13$, $n=91$) apresentam médias mais elevadas do que os rapazes ($M=26.32$, $DP=5.89$, $n=16$) na dimensão *Atitudes de defesa dos direitos dos homossexuais (domínio social e público)*

(F2) [$t(17.678)=-2.163$; $p=.045$]. Os/as estudantes que referem não ter religião ($M=10.70$, $DP=2.89$, $n=30$) quando comparados com os que se consideram religiosos/as ($M=13.17$, $DP=4.27$, $n=76$) apresentam médias mais baixas na dimensão *Atitudes de rejeição à proximidade de pessoas homossexuais (homofobia)* (F3) [$t(78.003)=3.428$; $p=.001$].

Por outro lado, ter um/a amigo/a homossexual revelou diferenças significativas em todas as dimensões da escala. Os/as estudantes que têm amigos/as gays ou lésbicas [$M=38.72$, $DP=5.04$ (F1); $M=29.96$, $DP=4.51$ (F2), $n=68$ respectivamente] apresentam médias mais elevadas do que os que não têm amigos/as homossexuais [$M=35.89$, $DP=5.48$ (F1); $M=27.26$, $DP=5.31$ (F2), $n=39$ respectivamente] nas dimensões *Atitudes não discriminatórias face à homossexualidade (domínio pessoal e privado)* (F1) [$t(105)=2.715$; $p=.008$] e *Atitudes de defesa dos direitos dos homossexuais (domínio social e público)* (F2) [$t(105)=2.784$; $p=.006$]. Também se verificou que os/as estudantes que não têm um/a amigo/a gay ou lésbica ($M=13.64$, $DP=3.62$, $n=39$) quando comparados com os que têm amigos/as ($M=11.60$, $DP=3.79$, $n=68$) apresentam diferenças estatisticamente significativas na dimensão *Atitudes de rejeição à proximidade de pessoas homossexuais (homofobia)* (F3) [$t(105)=-2.724$; $p=.008$], com valores mais elevados. Os/as estudantes que falam com os/as amigos/as sobre orientação sexual [$M=38.21$, $DP=5.29$, $n=89$ (F1); $M=29.63$, $DP=4.68$, $n=89$ (F2) respectivamente], quando comparados com os jovens que não conversam sobre esta temática [$M=34.11$, $DP=5.69$, $n=18$ (F1); $M=25.28$, $DP=4.91$, $n=18$ (F2) respectivamente], apresentam médias mais elevadas nas dimensões *Atitudes não discriminatórias face à homossexualidade (domínio pessoal e privado)* (F1) [$t(105)=2.963$; $p=.004$] e *Atitudes de defesa dos direitos dos homossexuais (domínio social e público)* (F2) [$t(105)=3.565$; $p=.001$] e médias mais baixas ($M=13.61$, $DP=3.78$, $n=18$) na dimensão *Atitudes de rejeição à proximidade de pessoas homossexuais (homofobia)* (F3) [$t(105)=-2.028$; $p=.045$], quando comparados com os/as que não conversam com os pares ($M=11.50$, $DP=4.06$, $n=89$).

Os/as estudantes que gostariam de ver debatido o tema da orientação sexual na Faculdade ($M=28.85$, $DP=4.28$, $n=88$) apresentam diferenças estatisticamente significativas [$t(105)=4.488$; $p=.001$], com valores mais elevados na dimensão *Atitudes de defesa dos direitos dos homossexuais (domínio social e público)* (F2) do que os/as jovens que responderam negativamente a esta questão ($M=24.63$, $DP=5.87$, $n=19$).

Verificou-se ainda que as crenças funcionais sobre a homossexualidade estão associadas às atitudes face à homossexualidade. As associações são positivas, indicando que quanto mais crenças funcionais os/as estudantes possuem, mais positivas são também as suas atitudes face à homossexualidade (F1) ($r=.513$, $p=.001$) e em prol da defesa dos direitos dos homossexuais (F2) ($r=.246$, $p=.001$). Por outro lado, quando as crenças funcionais aumentam, as *atitudes de rejeição à proximidade de pessoas homossexuais* (F3) tendem a diminuir ($r=-.514$, $p=.001$).

Considerações finais

Os estudos realizados nesta amostra de estudantes das Ciências da Educação permitiram verificar a existência de crenças disfuncionais sobre a homossexualidade, maioritariamente baseadas em desconhecimento sobre a temática. Entre as áreas de maior carência de informação destaca-se o domínio conceptual acerca da orientação sexual, da identidade e expressão de gênero, a classificação dos homossexuais como grupos de risco na transmissão do HIV/AIDS, a crença da influência da família homossexual na orientação sexual dos/as filhos/as e a ideia de escolha e opção sexual. Os nossos estudos também evidenciaram o papel do gênero relativamente às atitudes favoráveis e de aceitação às pessoas não-heterossexuais, corroborando com outros dados da literatura que confirmam o fato das mulheres apresentarem atitudes mais positivas (COSTA et al., 2010; GATO; FONTAINE, 2011). Tal como é referido em outros estudos (HEREK, 1991; 1994; COSTA et al., 2010; GATO; FONTAINE, 2011), a religião é uma variável que consistentemente aparece ligada ao preconceito sexual e à homofobia, revelando-se no nosso estudo também associada a crenças mais disfuncionais e limitantes e a atitudes menos favoráveis à proximidade de pessoas homossexuais.

Por outro lado, ter amigos gays ou lésbicas, falar com os amigos sobre a homossexualidade e defender um espaço de diálogo na Universidade sobre esta temática parece contribuir positivamente para atitudes menos discriminatórias em relação aos direitos das pessoas LGBT. Outros estudos já evidenciavam a associação entre um maior contato interpessoal e de proximidade com gays e lésbicas (COSTA et al., 2010; GATO; FONTAINE, 2011) a atitudes mais positivas e menos homofóbicas (ALDERSON; ORZECK; MCEWEN, 2009). Verificou-se também que os/as estudantes que possuem crenças funcionais sobre a homossexualidade são, simultaneamente, os que têm atitudes mais positivas face à homossexualidade, indicando com isso a existência de uma associação positiva entre as crenças e as atitudes em relação às pessoas não-heterossexuais. Este dado é particularmente importante em termos de intervenção, uma vez que a modificação das crenças limitantes (transformando-as em crenças funcionais) poderá dar lugar a atitudes mais positivas em relação à homossexualidade. Nas últimas duas décadas, a sexualidade surgiu fortemente como um tema-chave nos debates sobre cidadania, levando ao desenvolvimento do conceito de cidadania sexual (RICHARDSON, 2017). A cidadania sexual é um conceito multifacetado, compreendido de várias maneiras diferentes, mas cujo foco está numa certa forma de teorizar o acesso a direitos concedidos ou negados a diferentes grupos sociais com base na sexualidade, incluindo, mas não se limitando a, direitos de expressão e identidade sexual (KAPLAN, 1997; RICHARDSON, 2000, 2017), sendo esta também necessária para a intervenção.

Nesse sentido, e considerando os resultados obtidos neste estudo julgamos necessário apresentar um primeiro eixo de implicações para a cidadania universitária, cujas preocupações cívicas com a diversidade face à orientação

sexual permitam desenvolver percursos formativos capazes de romper com a veiculação de informação incorreta, preconceituosa e contrária aos direitos humanos das pessoas homossexuais e, simultaneamente, garantir que a universidade seja um espaço de segurança e de liberdade para todos/as. Com vista à promoção de uma formação superior de qualidade, consideramos fundamental a inclusão curricular da temática, como forma de visibilizar as necessidades e desafios da população LGBT, como também de informar, conscientizar e sensibilizar os/as estudantes para esta área da sexualidade humana e da cidadania sexual.

De acordo com os resultados por nós encontrados neste estudo, julgamos necessário enriquecer o currículo na área da cidadania, garantindo que os/as estudantes tenham acesso a informação e conhecimento científico sobre a temática da diversidade sexual, que contemple necessariamente os seguintes conteúdos:

- i) conceitos básicos de sexo e gênero e a diferença entre ambos (numa perspectiva crítica sobre o conceito de gênero como uma construção social); os conceitos de identidade de gênero e orientação sexual que possibilite distinguir cada um deles e compreender a identidade como autoconstruída e não como algo atribuído (em virtude da existência de desconhecimento e confusão conceptual por parte de alguns estudantes), com especial enfoque para os contributos da psicologia e da psiquiatria que rompem com a patologização da homossexualidade (atendendo ao fato de alguns participantes do estudo a considerarem um desvio ao que é normal e natural);
- ii) desenvolvimento psicossocial e processo de construção da identidade de gênero (uma vez que alguns estudantes acreditam que a descoberta da orientação sexual ocorre na infância, que a homossexualidade é resultado de uma opção sexual e que pode ser alterada);
- iii) comportamentos sexuais de risco versus grupos de risco na transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e do HIV/AIDS, que possibilite a desconstrução de estigmas ainda atribuídos à população LGBT (de modo a fortalecer o entendimento entre os/as estudantes de que o comportamento individual de utilização do preservativo é o único elemento protetor, em relação ao qual a orientação sexual não constitui em si um elemento de proteção ou de risco);
- iv) prevalência do preconceito baseado no gênero e na orientação sexual na sociedade portuguesa e o impacto negativo do sexismo em toda a população (para que os/as estudantes possam alargar a sua compreensão sobre os efeitos e as consequências da manutenção de crenças, atitudes e comportamentos preconceituosos e homofóbicos, que afetam não só a população LGBT, mas que constituem dispositivos “de controle e de manutenção das relações de gênero e poder entre o masculino e feminino que atinge todas as pessoas” (BORTOLINI et al., 2014, p. 9); provocar a reflexão crítica sobre as relações sexistas, hierarquizadas, desiguais e opressoras, com o intuito de ultrapassar as convenções heteronormativas e moralizantes da sexualidade ainda presentes na sociedade portuguesa);

- v) direitos civis, sociais e sexuais da população LGBT, particularmente no que respeita à homoparentalidade, que tenha como propósito conscientizar e sensibilizar os/estudantes para as problemáticas vividas em torno do estigma, do preconceito e da violência que, de forma geral, afetam as pessoas homossexuais no país (considerando a existência de estudantes com um posicionamento contrário à parentalidade e à garantia de direitos iguais entre hetero e homossexuais);
- vi) programas e ações antidiscriminação, cujos resultados apresentem contributos e evidências positivas das intervenções educativas no combate à homofobia e ao sexismo (de modo a reforçar a importância da educação na desconstrução do preconceito e na promoção da igualdade, da justiça e dos direitos humanos para todos e todas, e que reforce, simultaneamente, a responsabilidade social e educativa que os profissionais da educação devem assumir nos diversos espaços de atuação profissional).

Considerando ainda que a promoção de condições favoráveis ao sucesso educativo e ao desenvolvimento social dos/as estudantes, tendo em consideração a sua diversidade e visando a sua integração no contexto académico constitui uma das missões da universidade, julgamos ser necessária a difusão de uma cultura universitária voltada para a inclusão, adaptação e permanência de todos/as os/as que chegam ao ensino superior. Nesse sentido, consideramos que a integração da temática deve ocorrer tanto no “currículo explícito” como no “currículo oculto” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2009), através da promoção de políticas antidiscriminação no interior das instituições de ensino superior, aplicadas de forma transdisciplinar e transversalmente a todos/as os/as docentes e funcionários, cuja linguagem, postura e atitude assente em princípios éticos, democráticos e igualitários. Nesse sentido, consideramos que o enfrentamento às desigualdades e a valorização da diversidade sexual em contexto universitário passará por assegurar e garantir:

- i) o desenvolvimento de ações de conhecimento e reconhecimento para valorização da diversidade e combate ao assédio sexual em razão da orientação sexual e identidade de gênero;
- ii) a igualdade e equidade no tratamento em todos os espaços académicos, particularmente nas residências universitárias e nas praxes académicas;
- iii) a sensibilização dos/as estudantes para a necessidade de romper com estereótipos e sexismos presentes nas letras das canções utilizadas nas praxes académicas;
- iv) o apoio à associação académica no desenvolvimento de campanhas de sensibilização para as questões LGBT, que pretendam disseminar a mensagem de “tolerância zero para a discriminação”;
- v) a implementação de projetos de educação pelos pares em contexto universitário que desenvolvam campanhas de sensibilização, com os respectivos requisitos de conscientização, informação e significação, que alertem para as consequências da discriminação e do sexismo no contexto académico e sociocultural da universidade;

- vi) a existência de atendimento médico e apoio psicológico e socioeducativo especializados nas questões LGBT que seja disponibilizado aos estudantes universitários, sobretudo no que diz respeito à identidade de gênero e orientação sexual;
- vii) a promoção e dinamização de iniciativas não formais, como por exemplo Escola ou Universidade de Verão, dedicada a temas e a estudos referentes à diversidade e à identidade de gênero com atividades dinamizadas pela comunidade acadêmica universitária (professores, alunos e funcionários) destinadas quer a estudantes universitários quer alunos/as do ensino secundário/médio;
- viii) o desenvolvimento de materiais educativos para os/as estudantes universitários que facilitem a obtenção de conhecimento e possibilitem o desenvolvimento da empatia face à problemática da homofobia e do sexismo;
- ix) o apoio aos centros de investigação das faculdades que desejem desenvolver projetos de investigação sobre a temática, que contribuam para a promoção de boas práticas antidiscriminação dentro das universidades;
- x) apoiar os gabinetes de apoio ao estudante nas faculdades na prestação de atendimento gratuito nas áreas da sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero.

Em função dos desafios atuais que chegam às universidades, a construção de uma pedagogia crítica, autônoma e libertária pressupõe rever os lugares que professores/as, pesquisadores/as e estudantes ocupam no espaço acadêmico (BORTOLINI et al., 2014), cuja missão formadora possibilitará dotar os futuros profissionais de instrumentos conceituais e de capacidade de reflexão sobre o acesso de todos/as à cidadania, com o propósito de se posicionarem eticamente em um mundo de diferenças que “devem ser respeitadas e promovidas e não utilizadas como critério de exclusão social” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2009, p. 15).

Explicitamente comprometidas com o combate a qualquer forma de discriminação, as universidades desempenham um importante papel educativo, formativo e de socialização entre os/as estudantes, cuja prática pedagógica baseada em valores de igualdade, cidadania e de respeito pela diversidade se torna necessária. Nesse sentido, a concretização de uma pedagogia universitária assente nesses princípios passará por conhecer as atitudes e crenças dos/as próprios/as estudantes sobre a homossexualidade, de modo a desenvolver novas propostas formativas, cujo currículo integre as temáticas da orientação sexual e da identidade de gênero.

Nesta linha de pensamento, as práticas pedagógicas de atenção à diversidade em contexto universitário implicarão também a articulação entre a dimensão ética (comprometida com os princípios de respeito, justiça e solidariedade), técnica “(domínio dos saberes)”, estética “(sensibilidade na relação pedagógica)” e política “(participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício dos direitos e deveres)” (VERDUM, 2013, p. 95) por parte dos/as docentes universitários, de modo a provocar novos modos de pensar, fazer e estar com o outro.

Referências

- AGÊNCIA DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DA UNIÃO EUROPEIA. **Homofobia e Discriminação em razão da Orientação Sexual e da Identidade de Gênero nos Estados-Membros da UE – Parte II: A Situação Social**. Áustria: Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia, 2009.
- ALBUQUERQUE, Paloma; WILLIAMS, Lúcia. Homofobia na Escola: Relatos de Universitários sobre as Piores Experiências. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto. v. 23, n. 3, p. 663-676, 2015.
- ALDERSON, Kevin; ORZECK, Tricia; MCEWEN, Scott. Alberta high school counsellors knowledge of homosexuality and their attitudes toward gay males. **Canadian Journal of Education**, Canada, v. 32, n. 1, p. 87-117, 2009.
- ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA (APF). **Identidade e orientação sexual**. Lisboa: APF, sem data. Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- BORTOLINI, Alexandre, et al. **Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Currículo e Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- CARDEIRA, Helder; MÓNICO, Lisete; CASTRO, Paulo. Atitudes dos estudantes universitários portugueses face à adoção de crianças por homossexuais. **Enciclopédia Biosfera**, v. 11, n. 20, p. 201-211, 2015.
- CARNEIRO, Nuno Santos. **Homossexualidades: Uma psicologia entre ser, pertencer e participar**. Porto: Livpsic, 2009.
- CARVALHO, Cristiana, et al. Atitudes face à homossexualidade: uma proposta de avaliação para a intervenção socioeducativa. **Itinerarius Reflectionis**, Goiás, v. 13, 2017.
- CERQUEIRA-SANTOS, Elder, et al. Contato Interpessoal e Crenças sobre Homossexualidade: Desenvolvimento de uma Escala. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 221-229, 2007.
- COMISSÃO EUROPEIA. **Discriminação na EU 2009**. 2009.
- COSTA, Angelo. **Preconceito contra orientações não-heterossexuais no Brasil: critérios para avaliação**. Tese (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- COSTA, Carlos, et al. Imagens sociais das pessoas LGBT. In: NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João, Manuel. (Orgs.). **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. 2010. p. 93-147.
- DURRETT, Rick. **Probability: theory and examples**. 4th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. (Cambridge Series in Statistical and Probabilistic Mathematics).
- EVANS, Nancy; BROIDO, Ellen. Comint out in college residence halls: negotiation, meaning making, challenges, supports. **Journal of College Student Development**, Washington, v. 40, n. 6, p. 658-668, 1999.
- FLEURY, Alessandra; TORRES, Ana Raquel. Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. **Estudo de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 475-486, 2007.
- GARNETS, Linda; KIMMEL, Douglas. Lesbian and gay male dimensions in the psychological study of human diversity. In: GARNETS, Linda; KIMMEL, Douglas. (Ed.). **Psychological perspectives on lesbian and gay male experiences** New York: Columbia University Press, 1993. p. 1-51.

- GATO, Jorge; FONTAINE, Anne. Factores associados ao preconceito homossexual numa amostra de estudantes universitários portugueses: A influência do sexo, do contacto interpessoal com lésbicas e gays, dos valores sociais e das atitudes de género. In: NEVES, Sofia (Coord.). **Género e ciências sociais**. Maia: ISMAI, 2011.
- GATO, Jorge; FONTAINE, Anne; CARNEIRO, Nuno. Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays: Construção e Validação Preliminar. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 51, p. 11-20, 2012.
- GATO, Jorge; FONTAINE, Anne; LEME, Vanessa. Validação e Adaptação Transcultural da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 257-271, 2014.
- GATO, Jorge, et al. Homofobia Transatlântica: Preconceito contra Lésbicas e Gays em Portugal e no Brasil. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 701-713, 2015.
- GOLOMBOCK, Susan; TASKER, Fiona. Do parents influence the sexual orientation of their children? Findings from a longitudinal study of lesbian families. **Developmental Psychology**, Washington, v. 32, n. 1, p. 3-11, 1996.
- HAIR, Joseph; ANDERSON, Rolph; TATHAM, Ronald. **Multivariate data: Analysis with readings**. New Jersey: Prentice-Hall, 1995.
- HERDT, Gilbert; BOXER, Andrew. **Children of horizons: how gay and lesbian teens are leading a new way out of the closet**. Boston: Beacon Press, 1993.
- HEREK, Gregory. Assessing heterosexual's attitudes toward lesbians and gay men: A review of empirical research with the ATLG scale. In: GREENE, Beverly; HEREK, Gregory. **Lesbian and gay psychology: Theory, research, and clinical applications**. London: SAGE Publications, Inc., 1994. v. 1. p. 206-228.
- HEREK, Gregory. Sexual Stigma and Sexual Prejudice in the United States: a conceptual framework. In: HOPE, Debra (Ed.). **Contemporary perspectives on lesbian, gay and bisexual identities**. New York: Springer, 2009.
- HEREK, Gregory. Stigma, prejudice, and violence against lesbians and gay men. In: GONSIORREK, John; WEINRICH, James. **Homosexuality: Research implications for public policy**. Newbury Park: Sage Publications, 1991. p. 60-80.
- HOWELL, David. **Statistical methods for psychology** (8nd ed.). Duxbury: Pacific Grove. 2013.
- KAPLAN, Morris. **Sexual Justice: Democratic Citizenship and the Politics of Desire**. New York: Routledge, 1997.
- KRYZAN, Christopher. **OutProud/Oasis Internet Survey of queer and questioning youth**, 2000. Disponível em: <<http://www.outproud.org/survey/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leoncio. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 165-178, 2002.
- LASSER, Jon; THARINGER Deborah. Visibility management in school and beyond: A qualitative study of gay, lesbian, bisexual youth. **Journal of Adolescence**, v. 26, p. 233-244, 2003.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- MORAIS, Ana. **Gestão da visibilidade LGB no contexto do ensino superior**. Tese (Mestrado em Psicologia da Educação) – Universidade de Évora, Évora, 2016.

MORRISON, Melanie; MORRISON, Todd. Development and validation of a scale measuring modern prejudice toward gay men and lesbian women. **Journal of Homosexuality**, Philadelphia, v. 43, n. 2, p. 15-37, 2002.

MURTEIRA, Bento, et al. **Introdução à estatística**. Lisboa: Mc Graw-Hill, 2001.

NOGUEIRA, Conceição, et al. **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género**. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. Lisboa. Portugal, 2010.

NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João Manuel. Um olhar da psicologia feminista crítica sobre os direitos humanos de pessoas LGBT. In: NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João Manuel (Ed.). **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2010. p. 9-17.

PINHEIRO, Maria do Rosário. **Uma época especial: suporte social e vivência académica na transição e adaptação ao ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003.

REDE EX AEQUO. **Observatório de Educação LGBT 2014**. Lisboa: Rede ex aequo, 2014.

RICHARDSON, Diane. **Rethinking Sexuality**. London: SAGE, 2000.

RICHARDSON, Diane. Rethinking Sexual Citizenship. **Sociology**, Manchester, v. 51, n. 2, p. 208-224, 2017.

TABACHNICK, Barbara; FIDELL, Linda. **Using multivariate analysis** (5th ed.). Needham Heights, MA: Allyn & Bacon. 2007.

TAYLOR, Catherine; PETER, Tracey; PAQUIN, Sarah. “School is not a safe place for anyone like me”: The first National Climate Survey on Homophobia in Canadian Schools. In: WENDY, Craig; CUMMINGS, Joanne; PEPLER, Debra (Ed.). **Creating a world without bullying**. Vol. 3. PREVNet Series. Ottawa, Canada: Canada National Printers, 2011.

UNESCO. **Out in the open: Education sector responses violence based on sexual orientation and gender identity/expression**. Paris: Unesco, 2016.

VERDUM, Priscila. Prática Pedagógica: o que é? O que envolve? **Revista Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, 2013.

VIEIRA, Patrícia. **Vivências da Praxe Académica – Percepção de Integração e Ansiedade na Transição para o Ensino Superior**. Tese Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

Recebido em: julho/2018

Aceito em: outubro/2018

Endereço para correspondência:

Cristiana Pereira de Carvalho <cristianapc@hotmail.com>

R. Colégio Novo, 3000-115 Coimbra

Portugal